

Olho morto amarelo

Governo do Estado de Pernambuco

<i>Governador do Estado</i>	Eduardo Henrique Accioly Campos
<i>Vice-Governador</i>	João Lyra Neto
<i>Secretário da Casa Civil</i>	Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

Secretaria de Cultura

<i>Secretário</i>	Fernando Duarte
<i>Diretor Executivo</i>	Vinícius Carvalho
<i>Diretora de Gestão</i>	Maria de Lourdes Mergulhão
<i>Diretora de Planejamento</i>	Amara Cunha
<i>Diretor de Políticas Culturais</i>	André Brasileiro
<i>Coordenador de Literatura</i>	Wellington de Melo
<i>Gestora de Comunicação</i>	Michelle de Assumpção

Fundarpe

<i>Presidente</i>	Severino Pessoa
<i>Diretora de Gestão</i>	Sandra Bruno
<i>Diretor de Produção</i>	Fernando Augusto
<i>Diretor de Gestão do Funcultura</i>	Thiago Rocha
<i>Diretor de Gestão de Equipamentos Culturais</i>	André Araripe
<i>Diretora de Preservação Cultural</i>	Célia Campos
<i>Diretor de Articulação Institucional</i>	Claudemir de Souza

Companhia Editora de Pernambuco

<i>Diretor Presidente – Interino</i>	Bráulio Mendonça Meneses
<i>Diretor de Produção e Edição</i>	Ricardo Melo
<i>Diretor Administrativo e Financeiro</i>	Bráulio Mendonça Meneses

BRUNO LIBERAL

Olho morto amarelo

PRÊMIO PERNAMBUCO DE LITERATURA
CONTOS

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO



FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura



PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

© 2013 Bruno Liberal
Companhia Editora de Pernambuco

Direitos reservados à
Companhia Editora de Pernambuco – Cepe
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro
CEP 50100-140 – Recife – PE
Fone: 81 3183.2700

L695o Liberal, Bruno
 Olho morto amarelo / Bruno Liberal. – Recife :
 Cepe, 2013.
 94p.

Prêmio Pernambuco de Literatura – Contos.

1. Ficção brasileira – Pernambuco.
I. Título.

CDU 869.0(81)-3
CDD B869.3

PeR – BPE 13-504

ISBN: 978-85-7858-177-0

Impresso no Brasil 2013
Foi feito o depósito legal

APRESENTAÇÃO

Esta obra foi a grande vencedora do I Prêmio Pernambuco de Literatura, cujo objetivo é fomentar a produção literária em todas as macrorregiões de Pernambuco através de uma política editorial que visa democratizar o acesso ao livro, ao mesmo tempo que se apresenta como uma estratégia de promover a distribuição e circulação da literatura contemporânea pernambucana.

Ao aliar-se a outras atividades de fruição e formação de público-leitor desenvolvidas pela Secretaria de Cultura/Fundarpe, o Prêmio Pernambuco de Literatura possibilita tanto que a obra dos vencedores passe a ser mais conhecida pelo público quanto que a sua base de leitores seja ampliada.

Os recursos para a realização deste edital advêm da emenda parlamentar 10328/2011, de autoria do deputado Luciano Siqueira, e da Companhia Editora de Pernambuco – Cepe.

SUMÁRIO

O instante da nuvem negra	09
Zunido amargo	15
Sara e os pôneis	23
Olho morto amarelo.....	29
Aquário	37
<i>Jogging</i>	43
Caro Pedro.....	51
Casa Azul.....	59
O gato de fogo.....	67
A espera	73
Juro por Deus que é um final feliz	77

O INSTANTE DA NUVEM NEGRA

Ele poderia gritar um grito destilado, um grito de ódio. Transfundir um excesso de fúria verbal na mesa e acertar as contas de todos. Esganar aquelas existências tão sublimes, tão encantadoras. Tão jovens.

Ele é o velho na mesa de jantar.

Era isso. Tudo isso e tão pouco.

Toda a vida e lembranças e alegrias e desgraças e sonhos que teve e mortos que carregou e filhos e casas e mulheres e chefes e tudo que construiu com trabalho, com suas mãos, com seu sangue, tudo isso que todo mundo também possui. Que todo velho carrega em si. Ali, naquele momento, não era nada de nada.

Era apenas o velho na mesa de jantar sentado; torto na cadeira. Com olheiras, absurdas, de panda. Como se um cansaço glacial o tomasse por inteiro.

Estava dentro de sua casa, dentro do seu domínio, com a família ao redor. Seguro do mundo. Uma família feliz na casa do homem mais velho. Nessa casa que havia gerado boa parte das pessoas ali. Pessoas de sangue comum, de laços compartilhados pelo nascimento, pessoas que para o resto de suas vidas terão a obrigação de conviver entre si.

Eles rindo muito e falando as mesmas bobagens que falavam nas mesmas festas repetidas a cada ano. Aquele homem loiro, alto, era o mais engraçado de todos. Dizia bobagens, fazia brincadeiras

com todos e eles riam. Adoravam. E o velho estático, na ponta da mesa, com uma visão formidável da cena. Não esboçava qualquer alteração de humor.

Sozinho e cercado.

Eles conversavam animadamente entre si. Todos gesticulando, comendo, bebendo, rindo. E o velho na ponta da mesa observando a todos com seus olhos de panda, tentando reconhecer cada um daquela mesa.

A dificuldade de resgatar na memória os rostos deixa-o cansado. Perde o interesse.

Fixa os olhos no prato vazio.

Havia uma consciência cega de fazer parte daquilo tudo e, ao mesmo tempo, não ser parte de coisa alguma. Um pedaço de osso arrancado da carne macia e succulenta e deixado de lado. Fazia parte geneticamente, mas não havia utilidade.

Sentado à mesa, olhando o prato branco com bordas vermelhas, começa a batucar com a mão velha, pelancuda e ossuda uma música distante. Distante o quanto sua memória lembra, navegando nessa melodia casta na tentativa de movimentar alguma coisa dentro de si, algum sentido de vida nesse corpo tão cansado. Batucando com ossos na mesa de madeira maciça. Ossos que serão enterrados em pouco tempo. Ossos que servirão de alimento ao infinito.

Ossos de carbono.

E a mesa é barulhenta e farta no Natal.

Ele, o velho, poderia falar qualquer coisa. Gritar qualquer besteira. Mas a última coisa que disse foi há 40 minutos. Um “oi” para alguém da mesa que não consegue mais achar.

“Oi” e balançou a cabeça com seu melhor sorriso cadavérico.

Batua sua música antiga e sente a invisibilidade da velhice. É palpável e firme como a madeira da mesa. Sente no pescoço essa invisibilidade pesada tentando arrastá-lo para algum lugar sombrio, além de sua compreensão.

Poderia, ali mesmo, ficar nu e sair gritando como um velho louco e, mesmo assim, não seria notado. Pensou que poderia pegar a faca de cortar peru e cortar seus pulsos na mesa de jantar. Bem ali, na frente de todo mundo. Jorrando seu sangue grosso na cara das pessoas. Talvez alguém notasse. Não era certeza.

Parou de batucar e olhou suas mãos distantes, antigas. A pele manchada pelas ranhuras da vida. Capaz de haver apenas ossos ali, sem veia alguma para estourar, sem sangue algum para jorrar. Precisaria serrar os pulsos; talvez uma fina poeira escorresse dali, amarela e brilhante como purpurina. Sim, sairia dessa forma das veias cansadas. E nada jorraria na cara das pessoas. Formaria apenas um montinho dessa poeira e, ali mesmo, faleceria com olhos abertos.

Todos os ossos do seu corpo doem, mas a cabeça ouve apenas aquela música. Onde ouvira isso? Esse batuque infernal, esse clamor da desgraça?

Tenta cantar. Não sai nada.

Tenta dizer seu nome: ...

Logo esse seu nome de uma só palavra. Esse nome que o definia. Essa palavra única no mundo como a íris do seu olho de cadáver.

Essa palavra de velho, esse nome decrepito.

Esse um dia alguma coisa foi.

Era apenas uma palavra, seu nome. Não lembra.

A batucada aumenta seu ritmo de clamor. O batuque o distrai da vida, um refúgio, um desespero, uma alternativa.

Sua vida é seu encerramento.

Cortam o peru com a faca que serraria seus pulsos. Perdera o tempo da coisa. O instante da nuvem negra passara.

Continua na mesa batucando a música doente. Não para.

Tenta comer alguma coisa, mas não lembra se já comeu.

Fica calado porque sabe que não deve falar. Que sua voz é rouca e baixa e precisaria gritar para chamar atenção. Sabe que falou demais na vida e qualquer coisa que diga não terá importância.

Na mesa, com a família, come sua porção das coisas.
Alguém se aproxima, empurra uma criança para perto dele e tira uma foto.
Ele se assusta com o *flash*.
Talvez um bisneto.
Viu a criança recusando, tentando não encostar sua pele jovem e macia na dele. Na pele do velho, na pele da morte.
Ele poderia falar, mas permanece à espera da próxima oportunidade. Estavam usando sua faca. E a nuvem negra com certeza retornaria.